

**Do Coração da cidade – a Otterlo (1951-59): discussões transgressoras de ruptura,
a semente das novas direções pós-CIAM.**

Marisol Rodríguez Sosa

Dr. em Urbanismo
Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ)
Instituto de Arquitectura, Diseño y Artes (IADA)
Av. del Charro, 610 Norte, Fracc. Universidad,
Ciudad Juárez, Chih, CEP. 32310, México
Tel. (52)(656) 688-48-20., Fax:(52)(656)688-4826
e-mail: marisolrs@gmail.com

Roberto Segre

Dr. em Planejamento Regional e Urbano
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB)
Av. Reitor Pedro Calmon, 550.
Prédio da FAU - Reitoria - 5° andar - sala 521
Cidade Universitária - Rio de Janeiro, RJ - 21941-901
Tel: (55.21) 2598-1990, Fax: (55.21) 2598-1991
e-mail: bobsegre@uol.com.br

Do Coração da cidade – a Otterlo (1951-59): discussões transgressoras de ruptura, a semente das novas direções pós-CIAM.

A noção de Movimento Moderno foi construída pelos críticos e historiadores que se dedicaram a consagrar e consolidar, enquanto movimento de vanguarda de caráter unitário, as tendências arquitetônicas e urbanísticas discutidas no âmbito dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (1928-59). Porém, em trabalhos desenvolvidos depois de 1970 começou a ser questionada a validade da idéia de Movimento Moderno, resultando desse processo de revisão um certo consenso entre alguns autores que consideram mais apropriado referir-se a “movimentos”, partindo de que não há uma posição única entre as obras e os arquitetos que participaram nos congressos. A partir de 1947, a tendência de diluir a vocação original, liderada pela “geração do meio” – Sert, Rogers, Grupo MARS – e pela “geração jovem”, levou a importantes inflexões teóricas, radicalizadas em Hoddesdon (1951) quando se introduziu pela primeira vez um tema que não fazia parte da agenda original, abrindo caminho à superação da rigidez do modelo funcionalista associado com a Carta de Atenas. Neste trabalho se propõe analisar particularmente este último período, isto é, o que se entende como a última fase dos CIAM, que abrange os congressos realizados entre 1950 e 1959; etapa na qual foi mais expressiva a participação de representantes latino-americanos. Parte-se do interesse em rastrear os elementos urbanísticos que permitem distinguir novas discussões e direções que surgem da crítica à abstração da cidade funcional. A principal contribuição da reflexão proposta é a identificação de quatro temas fundamentais que entendemos como “discussões transgressoras de ruptura”: 1) Concepção por escalas Vs. Concepção funcional, 2) Centro comunitário Vs. Centro cívico, 3) Rua Vs. Quadra, e 4) Valores culturais Vs. Valores funcionais. Os novos temas ou “discussões transgressoras” incluídos nos últimos congressos não apenas levaram à crise do CIAM, senão que foram a semente que fez surgir novas direções pós-CIAM tanto de mãos de membros como não-membros.

Palavras-chave

Movimento Moderno

CIAM de pós-guerra

Urbanismo moderno

Historiografia crítica

Do Coração da cidade – a Otterlo (1951-59): discussões transgressoras de ruptura, a semente das novas direções pós-CIAM¹.

1. Movimento Moderno, uma noção construída

Em 1973, Charles Jencks em sua obra *Modern Movements in Architecture*², colocou por primeira vez de forma muito clara a necessidade do entendimento do Movimento Moderno não num sentido linear e unitário, mas como a reunião de múltiplos movimentos, de diversas tendências muitas vezes dissimuladas. A intenção de unificar princípios modernos de desenho e de consolidar um movimento de vanguarda foi formulada por Le Corbusier desde sua primeira proposta de organizar o debate em arquitetura, que deu lugar ao primeiro CIAM³ em La Sarraz em 1928. Estudos historiográficos como os desenvolvidos por Pevsner⁴, Giedion⁵ e Benévolo⁶ foram fundamentais no processo de consolidação teórica e historiográfica da idéia de Movimento Moderno e se caracterizaram pelo esforço em tentar recuperar os antecedentes deste movimento.

No entanto, trabalhos desenvolvidos posteriormente, sobretudo depois de 1970, começaram a questionar a validade da idéia de Movimento Moderno. Estas análises chamaram a atenção às polêmicas no interior do CIAM – tanto no referente a graus de participação como à redação dos documentos e escolha de temas –, assim como à pluralidade de enfoques que caracterizaram as propostas dos principais arquitetos que entre 1920 e 1930 contribuíram à mudança de fundamentos que está na base da arquitetura moderna. Evidenciava-se assim, uma crítica à noção de Movimento Moderno que foi construída, entre 1930 e 1960, pelos historiadores que se esforçaram em demonstrar a existência de um suposto caráter unitário e homogêneo entre as propostas e debates apresentados nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna⁷. A revisão crítica iniciada então assinala que, em lugar de Movimento Moderno, seria mais apropriado referir-se a “movimentos”, abrindo passo ao estudo das diferentes posições presentes nas obras, assim como defendidas pelos arquitetos membros do movimento.

¹ Este trabalho é parte da construção teórica e metodológica da tese de doutorado de Marisol Rodríguez Sosa, intitulada “A Guanabara de Doxiadis e a Havana de Sert. Ekistics e Urban Design, novas direções na ruptura do CIAM”, orientada pelo Dr. Roberto Segre e defendida em Agosto de 2008 no Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² JENCKS, C., 1973.

³ Congr ss Internationaux de Architecture Moderne. A este se seguiram, nos 26 anos seguintes, onze novos encontros, sendo o último conhecido como o CIAM'59 em referência ao ano de 1959, quando se fechou este ciclo com a dissolução definitiva do CIAM na reunião de Otterlo.

⁴ PEVSNER, N. (1936). *Pioneers of modern movement from William Morris to Walter Gropius*. Nesta obra o foco foi a constru o de uma genealogia que buscava as origens do movimento a partir do processo de racionaliza o das formas como resultado da adequa o   produ o industrial.

⁵ GIEDION, S. (1941). *Space, time and architecture. The growth of a new tradition*. Giedion também faz uma recupera o dos aspectos que contribuíram   inova o tecnológica inserindo a produ o da arquitetura moderna no contexto da cidade industrial e aponta a Gropius e Le Corbusier como principais expoentes da vanguarda.

⁶ BENEVOLO, L. (1960). *Storia dell'architettura moderna*. Também insere a arquitetura moderna no contexto da cidade industrial moderna ressaltando os problemas sociais que poderiam ser solucionados através da nova arquitetura e os CIAM são colocados como o grande esforço de unifica o em torno dessa arquitetura.

⁷ LIERNUR, J.F.; PSCHÉPIURCA, P. (2008). *La red austral. Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)*. Desde o início do CIAM tiveram duras discrepan as entre Le Corbusier e a linha dura alemã sob a dire o de Mart Stam, Hannes Meyer, Hans Schmidt e Rudolf Steiger, em particular no Congresso de Frankfurt (1929) dedicada   *Existenzminimum*, pág. 64.

Como foi analisado por Cárdenas⁸, posteriormente aos planteamentos de Charles Jencks, Frampton⁹ também questionou a unidade no interior do CIAM chamando a atenção às diferentes tendências internas e à força de determinados grupos e líderes em cada etapa do CIAM. Giorgio Ciucci¹⁰ chegou a indicar que a noção de “Movimento Moderno” em arquitetura é uma ficção historiográfica. Colocava em questão a idéia de que o CIAM representa-se o ponto de formação de um “Movimento Moderno”, e assinala a variedade de discursos que caracterizaram os primeiros congressos, assim como àqueles que foram excluídos. Auke Van Der Woud¹¹ deu continuidade a essa revisão focando-se no CIAM depois de 1947 e na formação do Team 10, chegando a questionar a originalidade de muitas das idéias reclamadas e propagadas pelo CIAM quanto ao urbanismo.

Recentemente Jean-Louis Cohen também expressou sua reticência com relação à noção de Movimento Moderno, declarando-se como um “um não crente no Movimento Moderno”¹². O autor listou algumas das razões para explicitar sua posição, destacando três em especial. Em primeiro lugar, apontou a ampla extensão de estratégias radicais de desenho ao longo do século XX que vão além daquela que fundaram os “modernos”. Em segundo lugar, a multiplicidade de “movimentos” envolvidos no próprio modernismo e não considerados pelos historiadores modernos fundadores, que desenvolveram narrativas baseadas na exclusão em lugar de inclusão. E em terceiro lugar, a dimensão propagandística do “Movimento Moderno”, sublinhando que o slogan não foi cunhado por Nikolaus Pevsner em sua obra *Pioneers of the Modern Movement*, mas quarenta anos antes por Otto Wagner em *Moderne Architektur*¹³.

Estas posições de crítica à noção de Movimento Moderno caracterizam a produção historiográfica atual que focaliza aspectos diversos do CIAM. Não se pode negar que apesar de não ter sido homogêneo, o CIAM representou um conjunto de manifestos, declarações e publicações que consolidaram um corpo de doutrinas e um discurso hegemônico e de circulação internacional que representou uma ruptura substancial com relação à tradição acadêmica, e que constituiu um referencial central para a arquitetura e o urbanismo modernos. Mas, a noção de Movimento Moderno como um discurso unitário foi construída pelos historiadores, assim como também foi defendida pelos principais líderes do CIAM. Resulta interessante observar que na obra *Urbanisme* de 1925, Le Corbusier já qualificava o urbanismo que depois iria caracterizar o Movimento Moderno, como “urbanismo moderno”: (...) hoje podemos pensar em praticar urbanismo moderno, porque está na hora e porque uma paixão coletiva foi desencadeada pelas mais brutais necessidades e guiada por um alto sentimento de verdade. (...) O urbanismo moderno nasce com uma nova arquitetura. (...).¹⁴ Esta posição de defesa da denominação de

⁸ CARDENAS, E., 1998.

⁹ FRAMPTON, K., 1980.

¹⁰ CIUCCI, G., 1980.

¹¹ VAN DER WOULD, A., 1983.

¹² COHEN, J-L., 2000.

¹³ WAGNER, O., 1896.

¹⁴ LE CORBUSIER, 2000, p. VIII e X.

um urbanismo e uma arquitetura “modernos” evidencia-se na própria nomeação do CIAM: Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. Também é visível, se observamos o contexto do Brasil, nas palavras de Lucio Costa que chamou a atenção à necessidade de uma clara distinção entre as palavras “moderno” e “modernista”:

*“Depois de uma coisa, vem outra; ser moderno é – conhecendo a fundo o passado – ser atual e prospectivo. Assim, cabe distinguir entre moderno e “modernista”, a fim de evitar designações inadequadas. (...) A arquitetura dita moderna, tanto aqui como alhures, resultou de um processo com raízes profundas, legítimas e, portanto, nada tem a ver com certas obras de feição afetada e equivocada – estas sim, “modernista”.”*¹⁵

É visível nas colocações de Le Corbusier e Lúcio Costa um esforço por diferenciar o que seria uma atitude “modernista”, do que seria uma posição “moderna”. Esta intencional distinção deixa transparecer uma clara pretensão de se distinguirem das propostas urbanísticas e arquitetônicas que vinham se desenvolvendo desde finais do século XIX, que apesar de ainda mostrarem fortes laços, sobretudo estéticos com a tradição *Beaux-Arts*, se identificavam dentro de um espírito modernista. De fato, como “urbanismo modernista” podem ser identificadas todas as transformações e propostas produzidas a respeito das cidades desde finais do século XIX e até os anos 1960 – Haussmann, Howard, Burnham, Garnier, Sitte, Wagner, Le Corbusier, Wright, etc. –, que constituíram manifestações de toda uma tendência de práticas e pensamento modernista¹⁶.

Portanto, com o uso da palavra “moderno” os mestres do CIAM pretendiam chamar a atenção à necessidade de despertar para uma nova época e seus meios, que permitiam e exigia uma nova arquitetura e urbanismo, livre de suas ataduras com o passado. Estes se colocavam como contraponto a uma arquitetura e urbanismo que, embora usassem as novas técnicas, não tinha dado o conseqüente passo que exigia a nova época, isto é, a criação racional da nova resposta estética. É esse o sentido da distinção do “urbanismo moderno” com relação às propostas que se acumulavam desde finais do século XIX.

2. Períodos e inflexões nos CIAM

A seqüência de congressos do CIAM tem sido periodizada de diversos modos nos estudos críticos e historiográficos. Entre as divisões estabelecidas é conhecido que a história dos 26 anos dos CIAM foi marcada pelo efeito das guerras mundiais. Os dez anos que distanciaram o CIAM 5 (Paris, 1937) do CIAM 6 (Bridgwater, 1947), foram resultado da dificuldade de se reunirem e organizarem durante os anos do segundo conflito. Esta grande divisão tem dado lugar à distinção entre o “CIAM de pré-guerra” – do CIAM 1 (1928) ao CIAM 5 (1937) – e o “CIAM de pós-guerra” – do CIAM 6 (1947) à dissolução (1959). A divisão pautada pelas guerras também caracterizou as

¹⁵ COSTA, L., 1991. p. 116.

¹⁶ HARVEY, D., 1992, p. 34.

análises sobre o “modernismo” enquanto movimento estético e artístico mais amplo¹⁷. Porém, para os historiadores que se dedicaram especificamente aos CIAM podem ser identificadas outras fases ou etapas atendendo a diferentes aspectos de sua história interna. Frampton¹⁸ apontou três grandes fases nas atividades do CIAM partindo da identificação dos grupos, tendências e figuras de liderança em cada momento. A primeira fase, de 1928 a 1933, teria sido encabeçada pelo grupo alemão; a segunda, de 1933 a 1947, marcada pela liderança de Le Corbusier; e a terceira, a partir de 1947, caracterizou-se pela tendência de diluir a vocação original e foi marcada pela “geração do meio” – Sert, Rogers, Grupo MARS – e pela “geração jovem” que liderava os questionamentos das idéias iniciais.

Mais recentemente, Eric Mumford¹⁹ distinguiu quatro fases considerando as inflexões teóricas que se observam não apenas nos congressos, como nas discussões que tiveram lugar nas reuniões de organização que antecederiam a realização dos congressos. Identifica uma primeira fase que vai de 1928 a 1930, marcada pela discussão a respeito da habitação, na qual se realizaram os três primeiros congressos internacionais²⁰. A segunda fase, focalizada no tema da “cidade funcional”, abrange o período entre 1931 e 1939, iniciado na reunião de organização do quarto congresso em Zurique (Fevereiro, 1931), onde se decidiu que o CIAM 4 seria dedicado ao tema da cidade funcional, e aconteceria em Moscou. Para além do CIAM 4 (no navio *SS Patris II* no Mediterrâneo, 1933, quando o stalinismo barrou a vanguarda arquitetônica) do qual resultou a Carta de Atenas (Figura 1 e 2) e o CIAM 5 (Paris, 1937) sobre Habitação e Lazer.

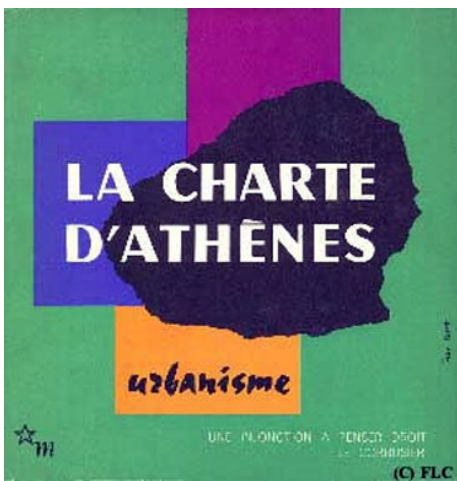


Figura 1. Le Corbusier. *La charte d'Athènes*. Paris: Plon, 1943. Fuente: Fondation Le Corbusier – FLC.



Figura 2. CIAM IV em Atenas. Fuente: Fondation Le Corbusier – FLC.

¹⁷ HARVEY, D., 1992, p. 35. Esse é o elemento que define a periodização estabelecida por Harvey que aponta quatro momentos na história do modernismo: 1) “primórdios do modernismo”: antes da Paris de 1848; 2) “formação”: entre 1848 e 1914, entre os conflitos de Paris e a Primeira Guerra Mundial; 3) “período heróico”: entre 1915 e 1945, no entre - guerras e; 4) o “alto modernismo”: após 1945, o modernismo do segundo pós-guerra.

¹⁸ FRAMPTON, K., 1980.

¹⁹ MUMFORD, E., 2000.

²⁰ O CIAM 1 (La Sarraz, 1928) no qual a Declaração de La Sarraz estabeleceu o plano de ação para o debate em arquitetura moderna; o CIAM 2 (Frankfurt, 1929) dedicado ao tema *The Existenzminimum*; e o CIAM 3 (Bruselas, 1930) que focalizou a questão do lote racional.

A segunda fase iria até 1939, abrangendo o esforço de difundir a idéia da cidade funcional nos Estados Unidos e as tentativas do CIRPAC – que se reuniu em Julho de 1938 e Julho de 1939 – de organizar o sexto congresso sobre “aplicações práticas da cidade funcional”, frustradas em setembro de 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial. A terceira fase, o “CIAM e o mundo de pós-guerra”, abrange o período entre 1939 e 1950, e é marcada pela publicação nos Estados Unidos da Carta de Atenas no livro *Can Our Cities Survive?*, organizado por José Luis Sert²¹, assim como também pelo CIAM 6 (Bridgwater, 1947), o primeiro congresso de pós-guerra e o CIAM 7 (Bérgamo, 1949)²². A quarta fase da história do CIAM, entre 1950 e 1959, iria desde o *Heart of the City* até o fim do CIAM²³, abrangendo os últimos quatro congressos que foram marcados pela pressão por discutir novos temas e pela oposição da geração jovem. Fazem parte desta etapa o encontro do Conselho do CIAM em Paris em 1950 onde se produz o debate sobre o tema do próximo congresso, o CIAM 8 (Hoddesdon, 1951) dedicado ao “Coração da cidade”, o CIAM 9 (Aix-en-Provence, 1953) sobre a Carta do Habitat, o CIAM 10 (Dubrovnik, 1956) marcado pela formação do Team 10 e o último congresso, o CIAM’59 (Otterlo, 1959) que fecha definitivamente o ciclo iniciado em La Sarraz com a dissolução dos CIAM.

Das três periodizações antes expostas, as duas primeiras identificam uma última fase que vai de 1947 a 1959, já a periodização proposta por Eric Mumford se diferencia destas por considerar que a última fase se inicia com a preparação para o oitavo congresso sobre a questão do “Coração da cidade” (1951), no encontro do Conselho do CIAM em Paris em 1950, como foi mencionado. Consideramos a periodização proposta por Mumford mais apropriada, enquanto referencial, aos objetivos da discussão aqui proposta, uma vez que se focaliza não nas figuras que dominaram certos períodos, mas nas inflexões teóricas das discussões sobre urbanismo dentro dos CIAM. Parte-se de que o foco deste trabalho é a análise das divergências teóricas que surgiram na fase de ruptura dos CIAM, visando contribuir à compreensão dos aspectos do pensamento e prática urbanística que permitem rastrear as possíveis conexões com as novas direções e tendências que emergiram após a dissolução do CIAM.

3. “Discussões transgressoras” de ruptura, origens das direções pós-CIAM

O CIAM 8, *The Heart of the City*, 1951 – cuja preparação remete a 1950 – constitui o antecedente mais claro da crise que se produziu efetivamente em 1956. Foi em Hoddesdon que se introduziu pela primeira vez um tema que não fazia parte da agenda original dos CIAM, e foi a partir desse congresso que se tornou mais ativa a presença da geração do meio, assim como também dos membros jovens que acabaram questionando o próprio corpo doutrinário dos CIAM. Até a Segunda Guerra Mundial pode-se dizer que os CIAM foram caracterizados por uma linha de

²¹ SERT, J. L. e CIAM., 1942.

²² MUMFORD, E., 2000, p. 180. O CIAM 6, pela falta de acordo quanto ao tema, se decidiu que constituiria um “congresso preparatório” para o 7º CIAM e de restabelecimento de contato, já o CIAM 7, ainda marcado pela busca de consenso quanto ao tema, oficialmente dedicou-se ao tema “*planning (urbanisme) and aesthetics*”

²³ MUMFORD, E., 2000, p. 201.

debate que se estruturava a partir de dois temas centrais e privilegiados: o da Habitação Social e o da Cidade Funcional. Mas durante a guerra e no pós-guerra e, sobretudo a partir das atividades dos líderes CIAM nos Estados Unidos, começaram a surgir novos temas que se afastavam deste tronco original. No CIAM 8, como já foi mencionado, se condensaram algumas questões que já vinham madurando desde a Segunda Guerra, fazendo emergir uma série de questionamentos que pouco a pouco abriram caminho à superação da rigidez do modelo funcionalista e à retomada da problemática da cidade tradicional. Os debates se concentraram fundamentalmente em quatro temas fundamentais que identificamos como “discussões transgressoras” que não apenas levaram à crise do CIAM, mas são as sementes que deram origem às novas direções pós-CIAM.

3.1. Concepção por escalas Vs. Concepção funcional.

O CIAM 7 foi ainda marcado pelo modo corbusierano de apresentação de trabalhos na grelha CIAM, organizada a partir das funções da Carta de Atenas, o que reforçava a aproximação à cidade a partir da separação funcional. Mas no CIAM 8 surgiu, como um dos primeiros elementos importante de mudança, a proposta do grupo MARS de abandonar a grelha CIAM e guiar o estudo do “Núcleo” a partir da identificação de “cinco escalas” de comunidade que respondiam a cinco diferentes níveis de organização comunitária: 1) o povoado ou o grupo primário residencial; 2) o bairro; 3) a cidade ou setor urbano, 4) a cidade propriamente dita, e finalmente 5) a metrópole ou cidade múltipla. Esta proposta do grupo MARS foi apoiada pelo presidente dos CIAM, Jose Luis Sert, que em sua intervenção introdutória sublinhava a escolha para os debates do CIAM 8 destes cinco “níveis-de-escala” da organização comunitária, nos quais deveria haver um núcleo, um ambiente físico dedicado a expressar o sentido de comunidade: 1) O povoado (rural) ou o grupo primário de casas (urbano) que representa a unidade social satisfatória mais pequena; 2) O menor centro comercial (rural) ou bairro residencial (urbano) em que os residentes se familiarizam com os outros e que pode ser auto-suficiente socialmente; 3) O povoado (rural) ou setor urbano (urbano) no qual há já um certo grau de anonimato e que pode ser auto-suficiente economicamente; 4) A cidade ou povoado maior que inclui vários setores urbanos; 5) A metrópole ou centro internacional importante de vários milhares de habitantes.²⁴

Estas cinco escalas deram lugar a sete sessões de debate no CIAM 8, nas quais se incorporaram, além das cinco primeiras escalas, as idéias do Núcleo de Cidades Novas e do Núcleo de Centros Governamentais, reforçando o interesse ainda presente e paralelo pelos Centros Cívicos: 1) O Núcleo do Povoado, 2) O Núcleo da Cidade Pequena, 3) O Núcleo de um Bairro Urbano, 4) O Núcleo de um Setor Urbano, 5) O Núcleo de uma Cidade Nova, 6) O Núcleo de uma Cidade, e 7) O Núcleo de um Centro Governamental²⁵. Nesta última sessão se apresentaram os projetos de Le Corbusier para Chandigarh e de Sert e Wiener para Bogotá.

²⁴ SERT, J.L. 1952., p. 8.

²⁵ TYRWHITT, J. SERT, J.L. E ROGERS, E.N. 1952, p. V-VI.

A crítica à concepção funcional e a defesa da concepção por escalas se reforçou em Aix en Provence, no CIAM 9 (1953), dedicado ao tema da Carta do Habitat, onde novamente se polarizavam as opiniões e se reafirmava a oposição já evidente entre os mais jovens e os membros fundadores, especialmente Le Corbusier. O tema do Habitat foi sugerido pelo próprio Le Corbusier com o objetivo de retomar a idéia da habitação como função urbana primordial, mas a geração jovem estava interessada em levar a discussão à questão das relações sociais engendradas a partir do desenho do espaço urbano.

O contexto do segundo pós-guerra apresentava novas questões, novas escalas de trabalho e novas problemáticas, que colocavam em questão a validade das idéias originais dos CIAM. Para Eric Mumford, até o próprio Le Corbusier tinha dúvidas da aplicabilidade das idéias primárias dos CIAM na situação de pós-guerra e, em sua opinião, isso pode explicar a mudança de direção que se iniciou em 1952 no encontro em sua oficina em Paris. Nessa ocasião, Le Corbusier, junto a Giedion e Tyrwhitt enviaram uma circular sobre o título *Future of CIAM* na qual se decidiu dar responsabilidade crescente à nova geração no controle e organização dos CIAM e dos futuros congressos. A circular discutia as dificuldades de consenso quanto à idéia de “habitat” em diferentes idiomas, especialmente em francês e inglês.

Em francês referia-se tanto às condições de vida de qualquer criatura e a “habitação” ou “assentamento”, ao tempo em que, em inglês, significava “algo maior que a ‘casa’ e menor que o ‘bairro’ – em outras palavras, o cenário da vida humana diária”²⁶. Dai que para os jovens do Team 10 e do grupo inglês MARS, o “habitat” não se limitava à considerando apenas da casa em questão, senão que abarcava o âmbito comunitário. No CIAM 9 (1953), a divisão entre os membros jovens e a “geração do meio” – Sert, Rogers e o grupo MARS de pós-guerra organizado por Tyrwhitt – começou a ser reconhecida. O encontro de Aix-en-Provence, o maior dos congressos CIAM, foi aquele em que os Smithson abertamente desafiaram o discurso dos CIAM sobre a cidade funcional e foi o último ao qual Le Corbusier e Giedion assistiram, 25 anos depois do encontro em La Sarraz.

Os Smithson apresentaram então seu projeto “Urban Reidentification” (Figura 3) numa grelha que reforçava as diversas escalas em que se dão os vários níveis de associação: a casa, a rua, o distrito, a cidade. Propunham enfrentar o problema de “reidentificar” o homem com seu ambiente através da recuperação da coesão social, da facilidade de movimento e do aumento da densidade populacional, partindo da ênfase na hierarquia de associações humanas. A grelha focalizava o problema da identidade e propunha que a comunidade deveria ser construída a partir de uma hierarquia de elementos de associação, confirmada no diagrama apresentado no Manifesto de Doorn (1954), primeiro documento publicado pelos jovens arquitetos dos CIAM, resultado da reunião de Doorn (1954) preparatória para o congresso de Dubrovnik de 1956. Em lugar das quatro categorias funcionais, a hierarquia proposta pelos Smithson se baseava nas

²⁶ MUMFORD, E., 2000, p. 218.

categorias de “casa, rua, distrito ou bairro e cidade” (Figura 4), que se apresentavam como via para reconfigurar a cidade sem perder sua vitalidade e sua identidade.

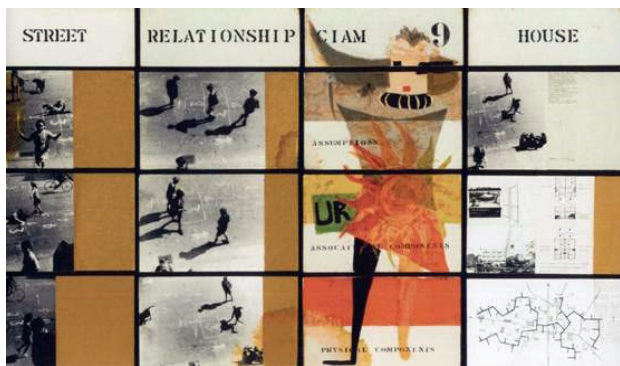


Figura 3. Grelha do Urban Re-identification (1953) do Team 10. Fonte: RISSELADA, Max e VAN DER HEUVEL, Dirk. 2005: 31.

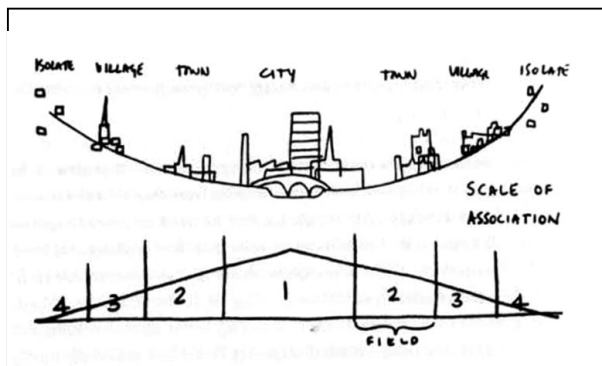


Figura 4. Diagrama de escalas de associação dos Smithson no Manifesto do Habitat em Doorn. Fonte: MUMFORD, Eric. 2000: 241.

No Manifesto de Doorn se reitera mais uma vez o consenso entorno da defesa da concepção por escalas, fundamentada na necessidade de enfatizar o caráter do espaço urbano como gerador de relações humanas. O documento faz referência ao estudo de Geddes que incorporava a comunidade no processo de organização da cidade, visão orgânica retomada pelo grupo dos jovens como essencial para criar inter-relações do homem com o espaço, partindo de que era “(...) *inútil considerar a casa exceto como parte de uma comunidade em função da interação que as vincula*”²⁷. No *Statemen on Habitat*, o grupo Doorn – composto por Bakema, Van Eyck, Van Ginkel, Hovens Greve, Peter Smithson e Voelcker – reiterava a idéia de abordar o urbanismo a partir de comunidades de vários graus de complexidade:

*“O urbanismo considerado e desenvolvido em termos da Carta de Atenas tende a produzir cidades nas quais as associações humanas são expresses de forma inadequada. Para compreender essas associações humanas devemos considerar cada comunidade como um complexo total particular. Para fazer esta compreensão possível, propomos estudar o urbanismo como comunidade de vários graus de complexidade.”*²⁸

Os jovens pretendiam substituir a segregação funcional a partir da qual era vista a cidade moderna por uma visão que considerasse a aproximação por escalas – a casa, a rua, o bairro e a cidade –, tendo em vista as inter-relações sociais estabelecidas nos diversos níveis da comunidade. Para além dos membros jovens, os arquitetos da delegação inglesa do grupo MARS, foram os que mais profundamente insistiram, no Manifesto de Doorn, no tratamento do objeto urbano a partir da concepção por escalas, em substituição à concepção por funções.

²⁷ BARONE, A. C. C., 2002, p. 67-68.

²⁸ MUMFORD, E, 2000, p. 239-240.

3.2. Centro comunitário Vs. Centro cívico

No CIAM 8 também começou a se fazer mais palpável a diferença de opinião entre os mestres dos CIAM e a geração jovem em torno da idéia do que vinha a ser o “coração da cidade”. No congresso se processou uma polarização entre os que, de um lado, defendiam a idéia do núcleo como o grande “centro cívico”, e do outro, os jovens que estavam mais interessados na questão da comunidade e dos espaços públicos como lugares onde se davam as relações humanas. A sugestão do tema do CIAM 8 veio do grupo inglês MARS que pressionava por incluir a questão da “comunidade” como novo elemento na discussão da cidade.

Originalmente se previa que esse encontro se focalizasse no tema da Carta do Habitat, como defendia Le Corbusier, mas devido à intervenção de Sert, decidiu-se finalmente pelo tema do “Coração da Cidade”. De acordo com o convite oficial do CIAM 8 editado pelo grupo MARS, o tema do “Núcleo” tinha surgido de suas observações de que havia uma necessidade de considerar outro elemento para além das quatro funções do CIAM, “o elemento que faz da comunidade uma comunidade”, seu “coração ou núcleo”²⁹. Sert concordava com o grupo MARS, na época o mais ativo dentro dos CIAM, sobre a importância da temática dos centros cívicos. Seu interesse por esse assunto remontava a seus trabalhos e reflexões da década anterior. A compreensão da importância do centro como agregador dos edifícios representativos das funções públicas – culturais, educacionais e políticas – pode ter sido resultado das críticas recebidas em 1940 quando Sert pediu a Lewis Mumford que escrevesse a introdução do livro *Can Our Cities Survive?* com o objetivo de persuadir alguma editora norte-americana sobre a importância de introduzir nos Estados Unidos o ideário dos CIAM, em especial a Carta de Atena. As críticas de Lewis Mumford ressaltavam a carência de consideração dos aspectos ligados às funções culturais, políticas e educacionais da cidade, como expressa em sua resposta:

“(...) As quatro funções da cidade não me parece adequadas para cobrir o campo do planejamento de uma cidade: habitar, trabalhar, recrear-se, transportar-se são importantes. Mas e as funções políticas, educacionais e culturais da cidade: o que há com o papel desempenhado pela disposição e planejamento dos edifícios que concernem a essas funções na evolução do desenho da cidade. (...) Os órgãos de associação política e cultural são, desde meu ponto de vista, as marcas distintivas de uma cidade: sem eles, há somente massa urbana... Considero sua omissão como o defeito maior do planejamento urbano cotidiano, e sua ausência no programa do CIAM me parece inexplicável. (...)”³⁰

Como Eric Mumford explicitou, naquela ocasião Lewis Mumford se negou a escrever a introdução da obra porque não podia concordar com a idéia defendida pelo CIAM de que toda a vida de uma cidade pudesse estar contida nas funções de habitar, recrear-se, circular e trabalhar; e essa crítica ressaltava justamente as funções que mais tarde tentam retomar nos debates dos

²⁹ *Ibidem*, p. 203.

³⁰ Lewis Mumford. 1940. Lewis Mumford to Sert. *Apud*: MUMFORD, E., 2000, p. 133.

CIAM, e especialmente Sert, na obra *The Heart of the City*, ao apontaram para uma possível “quinta função”, o papel cultural e cívico das cidades, que ocupou os CIAM a maior parte das próximas décadas³¹. Nos planos que desenvolvera posteriormente em Brasil, Peru e Colômbia já se dedica uma especial atenção ao tema do “centro cívico”. Por outro lado, em seu artigo de 1944, “*The Human Scale in City Planning*”, também argumenta a importância de criar centros cívicos de pedestres como parte do planejamento urbano.

No CIAM 8, a polarização entre os jovens e os líderes, deveu-se a diferenças na definição da ideia do “núcleo”. De um lado, Sert defendia a ideia do núcleo como centro cívico, espaço central da polis – consonante com a apresentação de Le Corbusier do projeto da praça cívica de Chandigarh. Na versão publicada da intervenção de Sert, intitulada “*Centres of Community Life*”, se enfatizava a ideia do “coração da cidade”, como o grande centro cívico atrelado às funções político-administrativas do Estado, apesar de que considerava sim a existência centros comunitários em outros setores da cidade:

“(…) A criação desses centros é uma tarefa do governo (federal, Estadual ou municipal). Esses elementos não podem ser estabelecidos numa base de negócios. Eles são necessariamente para a cidade como um todo e para a nação, e devem ser financiados publicamente. Quando uma cidade é planejada é dividida em zonas de diferentes usos – industrial, comercial, de negócios, residencial, etc. (...) Cada um desses setores ou partes da cidade necessita ter seu próprio centro ou núcleo e o sistema como um todo resulta numa rede ou constelação de centros comunitários, classificados de menor a maior, sendo um centro principal a expressão da cidade ou da metrópole como um todo, o coração da cidade.”³²

No entanto, como Eric Mumford sublinhou, a versão publicada da intervenção de Sert difere da conferência de abertura que ele proferiu na inauguração do CIAM 8, que intitulou originalmente “*The Theme of the Congress: The Core*”, onde não conectava o tema do “Núcleo” à contínua aplicação dos princípios da Carta de Atenas dos CIAM, como fez na versão publicada, senão que enfatizava a relevância do tema no contexto da suburbanização de pós-guerra.³³ Para os membros mais jovens o foco das discussões não estava mais no grande centro cívico e nas formas arquitetônicas e urbanísticas modernas que deviam caracterizá-lo, mas na análise desses espaços urbanos como lugar onde se processam as relações humanas, daí a importância dada às noções de comunidade e espaços públicos. O holandês Aldo van Eyck propunha a discussão da questão do núcleo em termos de espaços públicos que ofereciam proteção e aconchego para a população; e Jacob Bakema trazia um conceito de “núcleo” que desafiava os CIAM a admitir uma nova responsabilidade social, propondo como tema as relações humanas criadas a partir dos

³¹ MUMFORD, E., 2000, p. 142.

³² TYRWHITT, J. SERT, J.L. E ROGERS, E.N., 1952, p. 11.

³³ MUMFORD, E., 2000, p. 203.

espaços, que incorporava a possibilidade de discutir a humanização do espaço urbano³⁴. No entanto, apesar de que nas discussões do CIAM 8 a ênfase esteve nas relações, em lugar das formas fixas, esta questão não se refletiu tão claramente na publicação final das deliberações de Hoddesdon. A falta de consenso foi evidente na publicação oficial e nas conclusões onde Giendion sublinhou, dentre as sete características que aponta no “*Summary of needs at The Core*”, que somente poderia haver um núcleo central em cada cidade, que deveria ser seguro do trânsito e desenhado em conjunto com escultores e pintores, reforçando assim a idéia de centro cívico defendida por Le Corbusier e Sert, como explicita no “Resumo de Necessidade no Núcleo”³⁵.

3.3. Rua Vs. Quadra.

No debate da Cidade Funcional, a habitação sempre teve um lugar privilegiado pelo papel central adjudicado a essa função na estrutura de organização da cidade. Na lógica dos CIAM a solução do problema da habitação dependia da criação de protótipos de habitação que deveriam ser organizados geometricamente sobre o território, criando conjuntos organizados de forma eficiente. Mas, para os jovens arquitetos, a questão do habitat estava atrelada ao tratamento da comunidade e as relações humanas, assim como ao reconhecimento das inter-relações entre as diferentes escalas na formação de comunidades, como já foi apontado.

Nesse sentido, a casa era uma primeira unidade de associação. Mas, como sublinha Barone, a segunda não era a quadra, como poderia supor um adepto da visão da cidade a partir da forma construída, mas a rua, ou o espaço entre as formas construídas que organiza uma segunda escala de vida urbana a partir das relações entre os moradores e o espaço, sendo a terceira escala de aproximação, o bairro, que guardava a proporção territorial das comunidades urbanas³⁶ (Figura 5). A noção de rua como organizadora essencial do espaço urbano colocava o usuário em primeiro plano como agente fundamental no processo de estruturação da cidade, ao tempo em que, a noção anterior de quadra era colocada de lado em função das implicações mais abstratas e técnicas que dela decorriam e que não interessavam à nova geração. Dessa forma, entre a escala da casa e da cidade, a rua e o bairro estabeleciam novas relações entre arquitetura e urbanismo, valorizando as inter-relações humanas com o espaço, assim como o reforço da identidade comunitária e do sentimento de pertença.

Em 1959, no encontro de Otterlo, foram apresentados 35 projetos, dentre os quais, aqueles dos membros do Team 10 (Figura 6) – o círculo interno do grupo integrava a Jaap

³⁴ BARONE, A. C. C., 2002, p. 53-54.

³⁵ GIEDION, S., 1952., p. 164. “1) Que deve haver somente um Núcleo central em cada cidade; 2) Que o Núcleo é um artefato – uma coisa feita pelo homem; 3) Que o Núcleo deve ser seguro do trânsito – onde os pedestres possam caminhar e mover-se livremente; 4) Que os carros deve chegar e estacionar na periferia do Núcleo, mas não atravessá-lo; 5) Que propaganda comercial descontrolada – como aparece no Núcleo de muitas cidades de hoje – deve ser organizada e controlada; 6) Que elementos variados (móveis) podem fazer uma importante contribuição à animação do Núcleo, e a base arquitetural deve ser planejada para permitir sua inclusão, 7) Que ao planejar o Núcleo o arquiteto deve usar médios contemporâneos de expressão e – quando seja possível – deve trabalhar em cooperação com pintores e escultores.”

³⁶ BARONE, A. C. C., 2002, p. 70.

Bakema, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Alison and Peter Smithson, Shadrach Woods, ao qual se somavam outros participantes e convidados – estabeleciam relações de ruptura com os princípios pré-estabelecidos pelos CIAM para a concepção da forma dos edifícios, ao enfatizar o estabelecimento de uma nova relação entre arquitetura e urbanismo baseada em referências à cidade existente, ao entorno e aos aspectos culturais e específicos de cada lugar. Os arquitetos do Team 10 refletiam em seus projetos uma atitude de inconformismo com a validade dos grandes conjuntos habitacionais construídos na Europa na Segunda Pós-Guerra e concretizados na idéia da “Super-Quadra” aplicada em Brasília (1960). Eles desejavam recuperar a tradição inglesa do pátio e das praças interiores nas áreas residenciais – os *clusters* –, que permitiriam a existência de espaços públicos relacionados com a escala da vida familiar e a sua utilização por crianças e idosos. Nesta escala de intervenção, o urbanismo se relacionava com a arquitetura em uma dinâmica integradora de desenho³⁷.

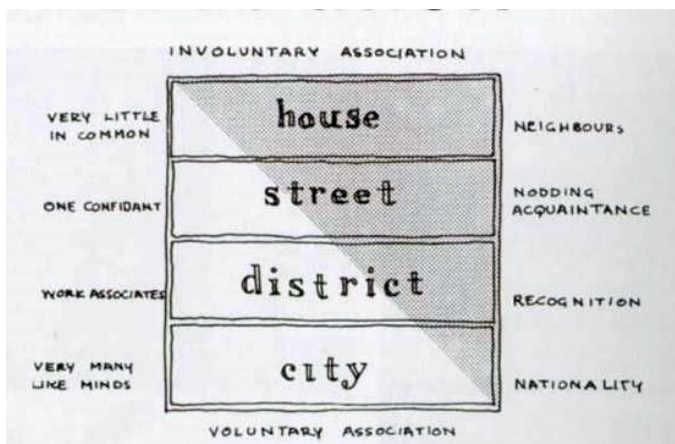


Figura 5. A & P Smithson, diagrama de escalas de associação. Fonte: RISSELADA, Max e VAN DER HEUVEL, Dirk. 2005: 52.



Figura 6. Encontro do Team 10 nos jardins de Aldo van Eycks em Loenen aan de Vecht. Fonte: <http://www.team10online.org/>.

3.4. Valores culturais Vs. Valores funcionais

O tema do “núcleo” trouxe também para os CIAM preocupações com a questão da identidade própria de cada lugar e enfatizava a necessidade de discutir a relação entre as novas formas urbanas e arquitetônicas e as antigas, sobretudo tratando-se de cidades existentes. Como explicita Eric Mumford, durante a sessão “*The Human Aspect of the Core*”, Richards começou uma discussão sobre a questão das relações entre o coração da cidade e as artes (*The Core an the Arts*), invocando que “o centro da cidade era o repositório da memória coletiva do grupo” e o lugar onde “reside a personalidade que distingue um lugar de outro”, buscando enfatizar a necessidade de “ver que os edifícios velhos devem ter uma relação apropriada com os elementos

³⁷ SEGRE, R. (1985), pág. 265

novos³⁸. Posteriormente, nas discussões do tema do Habitat também surgiu como uma das linhas de debate a questão das relações entre arquitetura e cultura. O “conceito estendido de habitat” se colocava em oposição à continuidade do entendimento do termo habitat como restrito à idéia de moradia individual como uma das quatro funções urbanas, assinalando a necessidade de incorporar a diversidade cultural humana.

O CIAM 10 (Dubrovnik, 1956), foi organizado pelos arquitetos do Team 10 que propuseram a discussão da questão do Habitat em novos termos, questionando o rigor das categorias funcionais impostas pelos líderes do CIAM para a discussão da cidade e trazendo para o debate a questão da identidade, dos valores culturais e da associação humana como princípio básico do urbanismo. De fato, a origem do Team 10 foi marcada pela necessidade de discutir a humanização dos espaços produzidos como arquitetura moderna, de questionar a validade dos princípios universais a partir da noção de que o homem se organiza em comunidades, que desenvolve a necessidade de se diferenciar, se identificar com o local onde habita, criar vínculos sociais e aprender o espaço a partir de seus próprios valores culturais, de forma que, para o grupo, o atributo essencialmente humano na relação com o espaço era a constituição de lugares com identidade própria³⁹. Dentre os critérios levantados pelo Team 10 no encontro de Otterlo (1959) – a identidade, os padrões de associação, a mobilidade e a noção de cluster – a noção de identidade focalizava a discussão de novos meios para expressar a relação do ser humano com o lugar a que pertence.

Os quatro pontos que identificamos nesta análise: 1) Concepção funcional Vs. Concepção por escalas; 2) Centro comunitário Vs. Centro cívico; 3) Rua Vs. Quadra; 4) Valores culturais Vs. Valores funcionais; caracterizam, a nosso ver, o que propomos entender e analisar como “discussões transgressoras” que levaram à crise da idéia da Cidade Funcional, que se evidenciou a partir do CIAM 8, *The Heart of the City*. O fator comum que integra estas discussões é o foco no elemento humano, na associação humana, que resulta do interesse em retomar a cidade existente como foco de atenção. Esses quatro temas ou “discussões transgressoras” que caracterizam o contexto de ruptura dos CIAM são a semente que fez surgir novas direções pós-CIAM tanto de mãos de membros como não-membros dos CIAM. Os quatro temas levantados constituem parâmetros analíticos a partir dos quais é possível desenvolver novas interpretações sobre a circulação das idéias e teorias do CIAM a América Latina, considerando que foi justamente nessa última fase dos CIAM que foi mais significativa a presença de membros latino-americanos nos congressos, assim como houve um maior número de projetos realizados na região. Acreditamos que compreender as defasagens, as temporalidades, a diversidade de movimentos e os mecanismos e particularidades dos processos envolvidos, permitirá contribuir a um entendimento mais profundo da história da apropriação do discurso urbanístico do CIAM em América Latina.

³⁸ MUMFORD, E., 2000, p. 213.

³⁹ BARONE, A. C. C., 2002, p. 61-62.

Referências bibliográficas

- BARONE, Ana C.C. *Team 10: arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.
- BENEVOLO, Leonardo. *Storia dell'architettura moderna*. Bari: Laterza, 1960.
- CARDENAS, Eliana. *Problemas de teoría de la arquitectura*. México: Universidad de Guanajuato, Facultad de Arquitectura, 1998.
- CIUCCI, Giorgio. "Il Mito Movimento Moderno e le vicende dei CIAM". In: Casabella 463/464, 1980, pp. 28-35.
- COHEN, Jean-Louis. "The Modern Movement and Urban History". In: *Proceedings Sixth International DOCOMOMO Conference*. Bahia: EDUFBA, 2000, pp. 25-30.
- COSTA, Lucio. "Razões da nova arquitetura". In: COSTA, Lucio. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Editora UNB/Empresa das Artes, 1995.
- FRAMPTON, Kenneth. *Modern Architecture: a Critical History*. Londres: Thames & Hudson. 1980.
- GIEDION, Sigfried. *Space, time and architecture. The growth of a new tradition*. Cambridge: Harvard University Press, 1941.
- GIEDION, Sigfried. "The Heart of the City: a summing-up". In: TYRWHITT, Jacqueline. SERT, José Luis, e ROGERS, Ernesto. *Heart of the City: towards the humanization of urban life*. New York: Pellegrini and Cudahy, 1952.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JENCKS, Charles. *Modern Movements in Architecture*. Londres: Doubleday & Penguin Books, 1973
- LE CORBUSIER. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes (1ª Ed. em 1925), 2000.
- LIERNUR, Jorge Francisco.; PSCHÉPIURCA, Pablo, *La red austral. Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)*. Buenos Aires: Prometeo, Universidad Nacional de Quilmes, 2008.
- MUMFORD, Eric. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Massachusetts: The MIT Press, 2000.
- PEVSNER, Nikolaus. *Pioneers of modern movement from William Morris to Walter Gropius*, 1936.
- RISSELADA, Max e VAN DER HEUVEL, Dirk. *Team 10: In search of a Utopia*. Rotterdam: NAI Publishers, 2005.
- RODRÍGUEZ SOSA, Marisol. *A Guanabara de Doxiadis e a Havana de Sert. Ekistics e Urban Design, novas direções na ruptura do CIAM*. Tese de Doutorado. PROURB – FAU / UFRJ, 2008.
- SEGRE, Roberto. *Historia de la Arquitectura y del Urbanismo. Países Desarrollados, Siglos XIX y XX*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1985.
- SERT, José Luis e CIAM. *Can Our Cities Survive? An ABC of urban problems, their analysis, their solutions*. Cambridge: The Harvard University Press, 1942.
- SERT, José Luis. "Centres of Community Life". In: TYRWHITT, Jacqueline. SERT, José Luis, e ROGERS, Ernest. *The Heart of the City: towards the humanization of urban life*. New York: Pellegrini and Cudahy, 1952.
- TYRWHITT, Jacqueline. SERT, José Luis, e ROGERS, Ernesto. *The Heart of the City: towards the humanization of urban life*. New York: Pellegrini and Cudahy, 1952.
- VAN DER WOULD, Auke. *International, CIAM, Housing and Town Planning*. Delft: Rijksmuseum, Kröller-Müller, Otterlo, Delft UP, 1983.
- WAGNER, Otto. *Moderne Architektur*. 1896. Versão inglesa com introdução e tradução de Harry Francis Mallgrave. *Modern Architecture, A Guidebook for His Students to This Field of Art (1896)*, Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1896.